

coros, os órgãos, as bandas filarmónicas, os hinos e canções populares, os sinos e os foguetes – no seu todo, uma paisagem sonora de enorme riqueza.

ÁNGEL L. GUIADO CUÉLLAR
(Universidad de Cádiz - UCA)

Dos violinistas españoles en la corte napoleónica: Felipe Libón y Lucas Guené

La ciudad de Cádiz (España) vive su siglo de oro en el XVIII gracias al tráfico marítimo con los territorios de ultramar. Producto de esta riqueza económica, se produce una extraordinaria eclosión cultural y musical. Ejemplo de ello es el encargo a Franz Joseph Haydn de su obra maestra *Las últimas siete palabras de nuestro Redentor en la Cruz* (Hob. XX.1.) para una capilla de la ciudad adornada con pinturas de Francisco de Goya, entre otros. La ciudad contaba con una numerosa colonia extranjera que propició un intercambio musical y cultural extraordinario (contaba con un teatro de ópera francesa, otro italiano y los de comedias en español). A finales del XVIII, nacen en Cádiz dos violinistas, en el seno de familias francesas, que llegarán a triunfar posteriormente en la corte napoleónica: Felipe Libón y Lucas Guené. En esta comunicación se describen resumidamente sus periplos europeo (incluyendo la corte portuguesa, en el caso de Libón) y sus éxitos en la azarosa vida de la Francia napoleónica. Así mismo, se presenta un primer catálogo de sus composiciones (localizadas hasta la fecha). La presente propuesta de comunicación tendría cabida en apartados diferentes del Encontro, a criterio de la organización, puesto que describe la vida de dos músicos pero también las realidades musicales de Cádiz, Londres, París o Lisboa (tangencialmente en el caso de uno de ellos) en el siglo XVIII-XIX.

LUÍSA CYMBRON
(CESEM-NOVA FCSH)

O Rio de Janeiro em palco: “imagens sonoras” da capital do Império na opereta de final do século XIX

Se é verdade que – de acordo com o texto introdutório deste congresso – o conceito de “paisagem sonora” “permite entender a música realizada numa determinada área a partir de uma perspectiva contextual abrangente, contrariamente à leitura centrada num compositor ou grupo restrito de compositores”, também é válido encontrar elementos que nos remetem para a paisagem sonora de um local e época através da obra de um ou vários compositores. Estes casos são, na sua maioria, teatrais e o facto de estarem

inseridos em contextos dramáticos e ficcionais não os torna menos representativos da ideia de “paisagem” ou, melhor, da de “imagem sonora”. Emílio Sala, na tentativa de mostrar as raízes profundamente parisienses de *La traviata*, estabelece uma fascinante rede de ligações entre práticas quotidianas, redes de sociabilidade, textos e experiências musicais que, através da ópera de Verdi, nos conduzem às “imagens sonoras” da Paris dos anos 1840-50 (*The sounds of Paris in Verdi's La traviata*, Cambridge, CUP, 2008). Esta comunicação pretende analisar a encenação de imagens sonoras da capital do Império e dos seus arredores, através das obras de Artur Azevedo e Francisco de Sá Noronha, sobretudo das operetas *A Princesa dos Cajueiros*, *Os noivos* e *O califa da Rua do Sabão*, as quais se enquadram no processo de nacionalização desse género que teve lugar no Rio de Janeiro a partir da década de 1860.

RITA FALEIRO
(CESEM-NOVA FCSH – UÉ)

*Compositores activos ao serviço da capela da Sé de Évora no final do séc. XVIII:
repertórios e enquadramento litúrgico.*

Nas décadas entre a segunda metade do século XVIII e o início do século XIX, vários são os compositores ao serviço da capela da sé de Évora, seja enquanto compositores/músicos residentes seja enquanto compositores estrangeiros mas cuja obra era conhecida e praticada em Évora.

Évora foi palco, tal como o resto do país, de um processo de italianização decorrente das inúmeras trocas culturais existentes entre estes dois países ao longo do século; assim, não é de estranhar a existência no arquivo da Sé de referências a compositores conhecidos da cena internacional como seja o caso de David Perez ou Giovanni Giorgi. Porém, são também vários os casos de compositores portugueses que obtiveram a sua formação no Real Seminário de Música da Patriarcal, instituição que seguiu os moldes dos conservatórios Napolitanos e que tinha como professores músicos formados em Itália e que para cá trouxeram os moldes e características composicionais. É o caso, por exemplo, de João José Baldi, nascido em Lisboa em 1770 e aluno desta instituição a partir de 1781. Não podemos de igual forma descartar a importância da existência de obras de compositores como por exemplo Pedro António Avondano, com ascendência italiana: efectivamente, Avondano veio para Portugal para integrar o rol de músicos da corte de D. João V, pelo que o seu filho teve desde sempre contacto com o estilo de música italiana.

Com o objectivo de conhecer mais especificamente qual o quadro musical da sé de Évora entre a segunda metade do século XVIII e inícios do séc. XIX, pretende então